

Palavras para ti

José Fanha

com

José Silva, Ana Canotilho, Mariana Luz,

Ana Cruz, Pedro Correia e Joana Trigo

(Alunos da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos – Lisboa)



**Rotary Club
Lisboa-Estrela**

Titulo original:
Palavras para ti

Autores: José Fanha, José Silva, Ana Canotilho, Mariana Luz, Ana Cruz, Pedro Correia e Joana Trigo

Capa e paginação:
António Cardoso

© 2011 Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos
Biblioteca Escolar – EB 2,3 Eugénio dos Santos
Lisboa
1ª edição
ISBN: 978-989-97143-2-8
DL: 329910/11
Impresso em Portugal / Printed in Portugal
Impresso por Interdidáctica

Dedicatória

*A todos aqueles que ainda não
perderam as asas.*

ÍNDICE

Palavras prévias	9
Prefácio	11
Preâmbulo	15
1º Andamento	17
A minha casa <i>José Silva/José Fanha</i>	19
A Minha Bonequinha <i>Mariana Luz/José Fanha</i>	21
Amizade <i>Pedro Correia/José Fanha</i>	22
No Sol <i>Ana Canotilho/José Fanha</i>	23
Mar <i>Ana Cruz/José Fanha</i>	24
Não tenho imaginação <i>Joana Trigo/José Fanha</i>	25
2º Andamento	27
Os Amigos <i>José Fanha/José Silva</i>	29

É noite	30
<i>José Fanha/Mariana Luz</i>	
Lá ao fundo tudo é verde e negro	31
<i>José Fanha/Pedro Correia</i>	
Nos meus passos leves	32
<i>José Fanha/Ana Canotilho</i>	
Uma luz vegetal	33
<i>José Fanha/Ana Cruz</i>	
O teu sorriso caiu em mim	34
<i>José Fanha/Joana Trigo</i>	

Palavras prévias

Não há uma sem duas, nem duas sem três, diz o ditado popular. Assim fizemos acontecer a propósito dos 60 anos da Escola Eugénio dos Santos e, porque não lembrá-lo também aqui, no ano em que se celebram os 300 anos do nascimento de Eugénio dos Santos.

Também daquela forma se desejam multiplicadas as emoções partilhadas decorrentes de uma descoberta da escrita: quer no momento da criação, quer no da visita pela leitura.

Perceber que escrever também pode ser escrever-nos é tarefa complexa e na ordem do dia de várias ciências ligadas ao ser humano. Permitir a descoberta de si através da partilha da escrita e da partilha da publicação é o corolário do percurso que, mais uma vez, se materializa aqui na forma a que chamamos livro. É que o livro, este livro, traz consigo a magia da poesia e configura uma dádiva na forma mais perene da palavra.

Por tudo isto, não quero deixar de manifestar a todos quantos fizeram acontecer esta aventura da palavra partilhada o meu mais sincero agradecimento.

A Diretora

Hermínia Maria Ventura Rodrigues Silva

Prefácio

*Nós nascemos para ter asas, meus amigos.
Não se esqueçam de escrever por dentro do peito: nós
nascemos para ter asas.*

José Fanha

Falar de poesia em contexto escolar, ou da necessidade de escrever que aos alunos assiste, é falar, acima de tudo, das expectativas e sonhos das crianças que passam a maior parte desta fase das suas vidas na escola.

No exercício das chamadas escritas criativas, temos de concordar com Freinet¹ que “o texto livre deve ser realmente livre” e que a criança pode e deve escrever “o seu texto espontâneo à noite, num canto da mesa; nos joelhos, ouvindo a avó recordar histórias surpreendentes do passado; em cima da pasta, antes de entrar na aula, e também, naturalmente, durante as horas de trabalho livre que reservamos na utilização do tempo”.

É neste contexto que um livro de poesia, escrito «paredes-meias» com um escritor, como o José Fanha, possuidor de um historial de trabalho mais que relevante com as escolas, tem uma importância capital no desenvolvimento dos alunos e na sua percepção das verdadeiras possibilidades da escola e da escrita.

Este livro é, assim, uma tentativa de mostrar o mundo dos alunos e das suas aspirações legítimas em relação aos seus sonhos que, naturalmente, se reflectem nas suas aprendizagens.

...

*Tu falas falas professor
daquilo que te interessa*

¹ Celéstine Freinet: pedagogo francês que deu origem ao movimento da Escola Moderna.

*e que a mim não interessa.
Tu obrigas-me a ouvir
quando eu quero falar.
Obrigas-me a dizer
quando eu quero escutar.
Se eu vou a descobrir
Fazes-me decorar.*

*É a luta professor
a luta em vez de amor².*

...
É claro que esta não é uma opção fácil, pelos problemas que acarreta em relação à participação voluntária, em vez de imposta, e pela noção oficial de qualidade dos textos que aqui foi submetida à vontade e criatividade dos pequenos aprendizes de poetas. No entanto, não nos podemos esquecer que “a luta pelo texto livre é uma luta política, a luta pela diferença”³, onde a necessidade de escrever aparece como um acto de amor; da mesma forma que “temos necessidade de sonhos, não para esquecer o real, mas para nos treinarmos a enfrentá-lo” (ibidem).

É, pois, imperativo que se perceba, como diz Pierre Chanché, que “a escrita não serve apenas para nos exprimirmos «bem»”, a escrita é, antes de tudo, um exercício do prazer.

...
*E quando tu depois vens definir
o que são conjunções
e preposições...
quando me fazes repetir*

² Alice Gomes (1946) - escritora, pedagoga, conferencista, dramaturga.

³ Chanché, Pierre (1977), *O texto Livre*, Lisboa, Estampa.

*que os corações
têm duas aurículas e dois ventrículos
e tantas
tantas mais definições...
o meu coração
o meu coração que não sei como é feito
nem quero saber
cresce
cresce dentro do peito
a querer saltar cá para fora
professor
a ver se tu assim compreenderias
e me farias
mais belos os dias⁴.*

...

Estes pequenos aprendizes de escritores, se não lhes for de futuro recusado ou anulado o prazer de escrever e fazer mais belos os dias de todos nós, contribuirão, sem dúvida, “para fazer sair a actividade da escrita do seu «ghetto» cultural”⁵.

É nossa convicção que “a criança que tenha uma vez experimentado plenamente o difícil prazer da escrita, nunca mais o esquece”(ibidem).

A todos os alunos que participaram neste primeiro voo, escrito dentro do peito, o nosso muito obrigado por este livro que creio ser o espelho das suas almas, um novo significado de poesia livre e sem constrangimentos e uma lição de entrega e coragem para abraçar projectos em que acreditam.

O professor bibliotecário
António Cardoso

⁴ Alice Gomes (1946).

⁵ Chanché, Pierre (1977), *O texto Livre*, Lisboa, Estampa.

Preâmbulo

Escrever pode ser um acto solitário de busca, de júbilo ou sofrimento auto-complacente.

Parecem ser palavras difíceis estas? Podemos simplificá-las. Digamos que todos nós precisamos de saber quem somos individual ou colectivamente. Cada pessoa, cada colectividade, cada nação precisa de uma história de si.

E é para isso que muitos escrevem. Para saberem quem são... Para onde vão. Para construírem uma história de si próprios e da sua forma única de olhar o mundo. Para melhor conhecerem os pilares da sua vida. Para expressarem as suas fragilidades, os seus medos e desejos. Para falarem das suas viagens interiores e exteriores.

Mas a escrita também pode ser um acto partilhado. Um desafio. Um jogo de cruzamento de sentimentos e espantos. De palavras.

Disse o escritor espanhol Jorge Semprún que "Uma voz encostada a outra voz pode manter um homem em vida." Um pouco à semelhança podemos dizer que uma palavra encostada a outra palavra pode dar mais sentido à vida de cada um de nós.

Foi exactamente isto que fizemos: encostar uma palavra a outra palavra, fazer com que a escrita de um suscite a escrita de outro. Confrontámo-nos, diferentes na idade, na experiência de vida, na maturidade oficial das palavras.

O resultado está aqui. Uma maninha diversa de emoções, um caleidoscópio de palavras a rodar sobre a vida, esta coisa tão estranha, complexa, misteriosa e até, por vezes, improvavelmente feliz.

José Fanha

1.º Andamento

Onde os alunos, aprendizes de poetas e cheios de expectativas, iniciam o poema que, em seguida, é terminado pelo Poeta José Fanha.

A MINHA CASA

parte 1 – José Silva

parte 2 – José Fanha

Sobre a minha casa não há muito a dizer
Está tão nova
Que nem a consigo reconhecer

O meu quarto está todo arrumado
Mas às vezes está tão desarrumado
Porque eu sou um grande desastrado

O quarto da minha irmã está como novo
Só lhe falta um retoque
Para ficar todo luminoso

O quarto dos meus pais
É um sonho que eu quero recordar
É tão bonito que nem me consigo lembrar

*Sobre a minha casa não há muito a dizer.
Era de boa alvenaria, as portas pesadas,
os vidros tremiam se passava um camião na rua.
Cheirava a caldo verde à sexta-feira
e a feijoada ao domingo.
Cheirava aos cheiros femininos,
água de colónia, lavanda, sabonete de alfazema.
E tudo ali cheirava ao cheiro da minha mãe.*

*Sobre a minha casa não há muito a dizer.
A minha casa é que pode falar de mim:
os primeiros passos, os dias de febre,
a luz saltitante da manhã a entrar-me pelas pálpebras,
a quentura dos lençóis,*

*um carrinho de bombeiros perdido
num dia de Inverno e chuva lá fora,
os livros que se abriam para me falar do mundo.*

*A minha casa lembra-se de me ver de calções,
e depois já de calças,
do primeiro cigarro às escondidas,
do primeiro amor,
o mais belo de todos.*

*A minha casa guarda as cartas que enviei
à menina da casa em frente
que ficava ao fim de tarde a espreitar
docemente pela janela.*

*A minha casa foi a minha amiga,
a minha companheira de brinquedos,
o local onde as palavras brotavam
inesperadamente e subiam
como balões ao céu.*

*A minha casa foi o meu cais de partida
para uma grande viagem
que nem sei
onde irá ter.*

A MINHA BONEQUINHA

parte 1 – Mariana Luz

parte 2 – José Fanha

Branca como a neve
Mas em parte rosadinha
De aspecto bem simpático
Assim é a bonequinha

Muito bem vestida
E de cabelos encaracolados
Tem olhos castanhos
E sapatos prateados

*Bonequinha linda e branca
És tal e qual a farinha
Branca e leve branca e pura
Muito branca e rosadinha*

*Mesmo quando a noite chega
Minha amiga Bonequinha
Tudo em volta fica negro
E só tu ficas branquinha*

*E é por isso que eu não canso
Bonequinha bonequinha
De dizer como és bonita
Tão branca como a farinha*

AMIZADE

parte 1 - Pedro Correia

parte 2 – José Fanha

A alegria de ter um amigo
Não se pode comparar
Saber que temos alguém
Em quem podemos confiar

A amizade não se pode comprar
Só podes alcançar
Não tem preço, mas tem valor
Tens que ter imaginação e voar

*O amigo é apenas uma asa estendida
uma voz um sorriso um convite:
anda lá, vem voar, diz ele.*

E eu vou e vou e vou.

*Amigo e mais amigo faz um bando
de gaivotas.*

Amigo faz o mar parecer o céu.

Por isso eu digo: anda lá, vem voar amigo.

Hoje e amanhã.

Mesmo quando

a armadilha da idade nos quiser apanhar, amigo,

vamos voar e voar e voar

nem que seja a última vez, amigo,

vamos voar.

NO SOL

parte 1 - Ana Canotilho

parte 2 – José Fanha

O sol nasce
Do lado direito
É o que tu és.

Quando se põe
Ao centro é quando
Quero desaparecer.

Põe-se do lado
Esquerdo
É quando desapareces.

*Olho para a direita, para o centro e para a esquerda
e tudo o que vejo é escuridão
na raiz do vento,
na fúria cega dos homens,
no barco negro que atravessa
o rosto dos dias.*

*Olho para a direita, para o centro e para a esquerda
e sei que é roxa e branca e verde
a doce respiração do mundo.*

*Olho para a direita, para o centro e para a esquerda
e sinto, apesar de tudo, uma luz imensa
por dentro de mim, de ti, de todos,
pais e filhos, homens e mulheres,
todos os que sabem abraçar a luz do mundo.*

MAR

parte1 -Ana Cruz

parte 2 – José Fanha

Mar é sentir o vento a bater na cara
Sentir o sol forte
Mar é ouvir as ondas.

Mar é sentir a areia,
mar é apanhar conchas,
ver os pescadores a pescar.

Mar é sentir as
coisas que lá existem
e ver as pessoas felizes.

*Mar é um búzio a cantar só para ti e a dizer
que o amor é azul
e o mundo é azul
e o vento é uma asa que te leva
ao alto mais azul de ti.*

NÃO TENHO IMAGINAÇÃO

parte1 – Joana Trigo

parte 2 – José Fanha

O que será que eu posso fazer
Com papel e caneta?
Já sei, vou começar a escrever
Era uma vez um gato maltês...
Mas que confusão, tantas ideias,
Não sei por onde começar.
E se eu puser... "Era uma vez" ou
Então "Era um dia qualquer"?
Estou quase a rebentar
Não sei por onde começar!
Não tenho imaginação
Nem cabeça para pensar
Com alguma ajudinha
Vou conseguir lá chegar.
*Que será que eu posso fazer
com papel e caneta?
Um círculo no ar?
A sombra de um anjo na brancura
de um muro de cal?
As bolhas do peixe no aquário?
A marca das garras do urso
na casca da árvore
em pleno coração da floresta?
Um desenho redondo
de pedra rolada
talvez aquecida pela mão que a atirou ao papel
e escreveu com caneta
palavras por baixo da pedra-desenho
a dizer: eu não sou uma pedra
uma pedra mesmo pedra*

*mas apenas desenho
ou a marca das garras de um urso
que tinha papel e caneta
e só queria dizer que ali
onde está um desenho de pedra
é o sitio o meu sítio é o poço
onde vou à procura
do vento que arrasta palavras imagens
para dentro dos olhos dos olhos dos olhos
onde às vezes até parece que não tenho
nenhuma imaginação.*

2º Andamento

Onde o Poeta José Fanha desafia os alunos, agora já poetas aprendizes, a terminarem um poema.

OS AMIGOS

parte 1 – José Fanha

parte 2 – José Silva

Um homem precisa de um cão
ou de um amigo,
um pela trela,
outro pelo braço
através dos caminhos oblíquos desta vida.

Um homem precisa de um cão
ou de um amigo,
de umas asas no olhar
de um pássaro na testa

*Um homem precisa de um cão
ou de um amigo,
que nos dá apoio quando estamos tristes
e que nos ajuda em tudo o que é preciso.*

*Um homem precisa de um cão
ou de um amigo,
que brinque connosco
corra e jogue à bola.*

*Um homem precisa de um cão
ou de um amigo,
de uma patada com ternura
ou de um abraço forte.*

É NOITE

parte 1 – José Fanha

parte 2 – Mariana Luz

É noite
e cada chama dança
sobre o ouro com que a terra
veste o corpo antigo
e guarda com cuidado a voz
num berço profundo
e grave.

É noite
*e cada grão de areia
iluminado pelo luar
mergulha no profundo silêncio
que reside
no fundo do mar.*

É noite
*e todas as almas dormem
domadas pela brisa
que sopra quente e levemente
e que por onde passa
enfeita o mundo
adormecendo-o
cuidadosamente.*

LÁ AO FUNDO TUDO É VERDE E NEGRO

parte 1 – José Fanha

parte 2 – Pedro Correia

Lá ao fundo tudo é verde e negro.
Os grandes bosques caminham
para dentro do Inverno.

A teia dos ramos nus
cobre o céu por baixo.

Também já fui árvore.

O tronco era frágil.
As raízes fundas.
As folhas secas
As frutas maduras.

Quando chega o Inverno
os esquilos vão dormir.

Quando chega a Primavera
as árvores começam a florir.

No Verão as árvores estão secas.

No Outono, há folhas de várias cores:
amarelas , vermelhas e laranjas...
São as cores que a árvore veste.

Chega outra vez o inverno
e a árvore adormece.

NOS MEUS PASSOS LEVES

parte 1 – José Fanha

parte 2 – Ana Canotilho

Nos meus passos leves
vou por vezes
acordar as ruas da cidade.

É a hora a que o ar
chega lavado
e se entrega às laranjas
ou às rosas.

Os vidros bebem luz
e o leite é um rio que voa
sobre o rosto das crianças.

*Quando as ruas
da cidade acordam
quando o ar se entrega
às laranjas ou às rosas...*

*O amor acorda
e as suas ondas batem
nas rochas da praia
e na areia fina e leve.*

*Quando a felicidade
está no mundo
tudo é mais fácil.*

*Quando o rio de leite
voa sobre o rosto das crianças
tudo fica mais iluminado.*

UMA LUZ VEGETAL

parte 1 – José Fanha

parte 2 – Ana Cruz

Uma luz vegetal
acende-se
em volta dos meus pés.

Um dia poderei partir
como um plátano cantando.

*Cantarei
com os pássaros
como o vento
está forte*

*E não conseguirei
passar o rio.*

*Então voarei com eles
sabendo que voltarão
ao mundo da fantasia*

E conseguirei ser única!

O TEU SORRISO CAIU EM MIM

parte 1 – José Fanha

parte 2 – Joana Trigo

O teu sorriso caiu em mim
e trouxe-me
de volta à poesia,
ao fruto vermelho
ao sumo verde da vida

O teu sorriso caiu em mim
e trouxe-me
de volta ao vento
às ondas brancas do mar,
de volta a mim.

O teu sorriso caiu em mim
*e tocou no meu coração
uma luz que acaba sem fim
um amor uma emoção.*

*O teu sorriso caiu em mim
o teu sorriso é aquilo
que me faz crer
ser aquele sorriso
que eu queria ser.*

*Foi um poema
de amor
ligado à vida também...
Entrou a esperança,
e o teu sorriso caiu em mim.*

BIBLIOTECA ESCOLAR
Escola EB 2,3 Eugénio dos Santos
Rua Luís Augusto Palmeirim, 1700-272 LISBOA
Tel. 218 429 940 Fax 218 429 945

Endereços de E-mail:

sec.eugeniosantos@gmail.com (assuntos de carácter geral)

dir.eugeniosantos@gmail.com (Direcção)

biblioteca@cre-eugeniosantos.net (Biblioteca Escolar)

